

---

## **Figurativização de retratos sintéticos: a metamorfose de pessoas que não existem<sup>1</sup>**

Henrique da Silva PEREIRA<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP  
Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP

### **RESUMO**

Observa-se à luz do aporte teórico-metodológico da semiótica discursiva francesa, o website This Person Does Not Exist. O algoritmo presente no site gera retratos imagéticos de pessoas que não existem. Seu processo de enunciação se dá a partir de uma lógica de morfogênese por simulação (Edmond Couchot, 1993), alicerçada em tecnologias de inteligência artificial, especificamente redes geradoras de adversidades. Apresenta-se a análise semiótica destas imagens a partir do conceito de metamorfose (Ignácio Assis Silva, 1995). Conclui-se discutindo uma visão mitológica, voltada à performance do sujeito em tela.

**PALAVRAS-CHAVE:** algoritmos, big data, imagens sintéticas, metamorfose, semiótica francesa.

O presente texto se inscreve no contexto midiático contemporâneo e dinâmico, isto é, em um contexto em que dúvidas se estabelecem na medida que novas produções, suportes e técnicas surgem e começam a desafiar o olhar daquele que os frui e analisa. Especificamente, as questões aqui levantadas dizem respeito a um tensionamento teórico-metodológico que busca ampliar a compreensão de um objeto empírico a partir de um olhar (e posicionamento) da Comunicação – enquanto ciência, enquanto prática. O objeto é colocado em evidência como um mediador entre a realidade construída (a partir dos olhares epistemológicos do autor, situado em um campo de Ciências Humanas e Sociais) e à realidade, de fato, constituída desse corpus. Tencionar a construção com sua constituição é o embate que sucinta as dúvidas e as percepções que se apresentam neste escrito. Evidentemente, torna-se impossível alcançar a constituição dos objetos, a final, por serem objetos científicos já foram observados como tal e, portanto, a observação se dá a partir de um olhar repleto de influências teóricas. Para tanto, apresenta-se a seguir o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social: Radialismo pela UNESP, docente nos cursos de graduação em Comunicação no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio. E-mail: [hen.silper@gmail.com](mailto:hen.silper@gmail.com)

objeto que constitui o corpus a ser vislumbrado e posto à análise, situando-se em uma conjuntura capaz de exigir um olhar (e um discurso) interdisciplinar do pesquisador.

Propõe-se observar à luz do aporte teórico-metodológico da semiótica discursiva de linha francesa o site [ThisPersonDoesNotExist.com](http://www.thispersondoesnotexist.com)<sup>3</sup>. À primeira vista, ao acessá-lo, não é claro o que faz desse um interessante objeto que merece ser (re)construído em uma leitura analítica. Vê-se um retrato de uma pessoa, ampliado, com uma fotografia em aspecto de proporção quadrada (Fig 1). Se o usuário desejar atualizar a página (ou abri-la em outro momento) continuará a ver um retrato humano, desta vez, no entanto, outra pessoa aparecerá em tela, isto é, toda vez que a página é atualizada um novo retrato é exibido. A legenda da foto, entretanto, se destaca em todas as imagens que são carregadas no site (Fig 2). O texto abaixo do retrato cumpre seu papel de âncora; mas não enquanto balizadora do conteúdo, mas sim aponta ao processo de produção do texto sincrético.

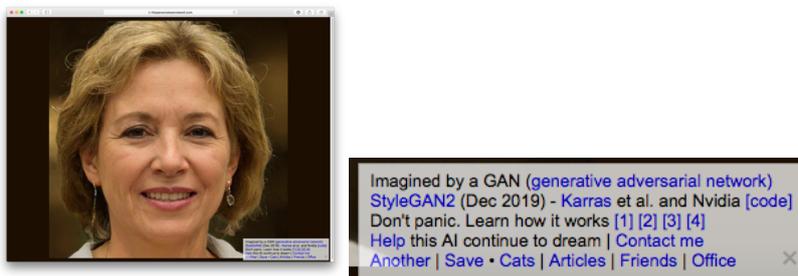


Figura 1 - Captura do site [ThisPersonDoesNotExist.com](http://www.thispersondoesnotexist.com) Figura 2 - Detalhe da legenda da foto, ancorando o retrato

Observa-se que a autoria da imagem não é atribuída a um ser-humano, já que se confere "Imagined by a GAN", em tradução livre "imaginado por uma GAN". Tem-se, portanto, uma imagem sintética produzida por uma "Generative Adversarial Network", um algoritmo de *machine learning*. Nesse sentido, justifica-se a escolha deste objeto como corpus de análise desta pesquisa relacionado à temática da produção de textos sincréticos de forma sintética, autônoma, ou melhor, um texto enunciado por uma máquina inteligente. Observa-se na Figura 1, o retrato de uma mulher, entretanto, a figura referente - a mulher em si - não existe. Este retrato, à rigor, *não retrata*; ele imagina, cria, produz uma imagem figurativa que espacializa formas e cores que criam um simulacro da existência de uma mulher referente.

Poder-se-ia retomar a questão – já clássica nos estudos de fotografia - do retrato com referentes reais, se de fato eles retratam de uma forma verídica o referente ou se tudo

<sup>3</sup> Acesso disponível em: <http://www.thispersondoesnotexist.com>.

---

é uma construção plástica, uma produção do artista, do fotógrafo... Entretanto, de antemão, coloca-se um balizador metodológico: na esteira das reflexões de Jean-Marie Floch acerca da análise de fotografias, pontua-se:

A fotografia não é esse 'fato antropológico bruto', essa reprodução de um 'real literal'; ela confirma, ao contrário - e é preciso aceitar sua natureza essencialmente histórica e cultural. A análise da significação de uma fotografia não depende, portanto, de uma hermenêutica ou de uma semiologia de tipo barthesiano, que postulam de pronto a pertinência do recorte linguístico. (FLOCH, 1985, 21).

Propõe-se aqui uma análise que privilegia seu processo de significação, afinal, estas imagens que compõem o corpus são completamente virtuais. Em um movimento de tensionamento, buscar relacionar a enunciação de textos autônomos por máquinas inteligentes e sua referencialidade simulada por estas redes matemáticas virtuais. Objetiva-se discutir o estatuto da figurativização em objetos dinâmicos que se metamorfoseiam a partir de *big datas* e imagens sintéticas, desviando-se de uma morfogênese de representação para uma morfogênese numérica, simulada.

### **1. Efeitos de sentido**

Há nas imagens geradas pelo site ThisPersonDoesNotExist uma reiteração do discurso apresentado: todas as imagens são retratos. Estes retratos - vistos em sequência (Fig 3) - no ato de atualizar continuamente a página, geram um novo discurso. Há, portanto, o discurso individual de cada imagem apresentada e também o discurso gerado pela articulação destas imagens de modo sequencial. Aponta-se ao título do site "Esta Pessoa Não Existe"; se a legenda de cada imagem - como mostrada anteriormente - descreve a técnica por trás da produção do enunciado, o endereço do site, por sua vez, apresenta a ancoragem do referente ao estatuto da obra. Nisso, percebe-se uma relação entre o título do site (e conseqüentemente de cada retrato gerado) e a legenda: o primeiro diz respeito ao plano do conteúdo, já a legenda corresponde ao processo expressivo da obra - realizado de forma simulada, a partir de algoritmos de inteligência artificial. Tratando-se de uma análise que busca compreender a significação do site-objeto que compõe o corpus da pesquisa e partindo-se do princípio semiótico que o texto se articula em um todo de sentido, faz-se necessário apontar o reconhecimento da dependência entre os dois planos, que em uma relação de pressuposição articula o sentido total do texto.

Esta análise, portanto, privilegia a relação de semiose do texto-site, em uma leitura que busca apresentar as especificidades encadeadas no processo enunciativo da obra.

Tratando-se do enunciado do discurso, onde o enunciador articula estratégias discursivas para criar efeitos de sentido, observa-se, nas imagens do corpus, marcadamente a presença de um efeito de sentido de dizer verdadeiro. Os efeitos de sentidos são a "impressão de realidade produzida pelos nossos sentidos" (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 155), isto é impactam o enunciatário em uma dimensão cognitiva de apreensão sinestésica do discurso. Dessa forma, ao fruir as imagens apresentados pelo site, o enunciatário relaciona-se com o enunciado a partir do balizamento de um contrato enunciativo, fiduciário, objetivando um "fazer crer" naquilo que se dispõe no texto. Para isso, faz-se necessário que o enunciador compreenda o contexto sócio histórico em que o enunciatário se encontra, já que a realidade apreendida por este na semiótica do mundo natural é uma construção sintagmática e cognitiva. Assim, o enunciador munindo-se do conhecimento daquilo que o enunciatário compreende como real, articula a enunciação objetivando criar efeitos de sentido que correspondam a realidade apreendida pelo enunciatário, produzindo assim, um discurso veridictório.



*Figura 3 - Sequência de imagens geradas automaticamente pelo site ThisPersonDoesNotExist (montagem do autor)*

Ao analisar o discurso das imagens geradas de forma sequencial (Fig 3), pode-se observar que há uma reiteração do efeito de sentido de realidade – já que todas as imagens apresentam retratos que se assemelham com a figura do rosto humano, inclusive e principalmente, pelas imperfeições e detalhes naturais que diferenciam um humano de outro. As texturas das peles, os cabelos, os penteados, as poses, as roupas, os olhares, as expressões... são diferentes e, portanto, cada imagem significa e faz parecer real um referente que não existe.

Observando o discurso-sequencial, o que se sobrepõe é, em compensação, outro efeito de sentido. Observa-se um efeito de sentido de continuidade, de duratividade. Pode

parecer um certo preciosismo apresentar esta característica enquanto efeito que emerge do discurso fruído, mas contrariamente a essa suposição, observa-se fundamental compreender que o algoritmo que produz (ou melhor, enuncia) cada fotografia se comprova como estável e assertivo repetidamente a cada nova imagem gerada. Há uma duratividade no processo de enunciar discursos com efeito de sentido de realidade. Considera-se, também, que há por parte do destinador da comunicação deste site o objetivo de impactar e sensibilizar o destinatário das capacidades que o algoritmo têm em simular a feição humana em retratos imagéticos; percebe-se isto na legenda da foto (Fig 2) que apresenta os dizeres: "Don't panic. Learn how it works" (Não entre em pânico. Saiba como funciona). Há por parte do destinador, um conhecimento que o destinatário pode se impressionar com a qualidade da imagem apresentada (isto é, se impressionar com o efeito de sentido de parecer real construído na duratividade), já que triangula (1) o título do site - que a pessoa exibida no retrato não existe; (2) a informação que a foto foi "imaginada" por um algoritmo de inteligência artificial; e (3) o próprio enunciado com os efeitos de sentidos analisados anteriormente. Dessa forma, a constante triangulação destes itens – a cada nova atualização da página online - desencadeia um efeito duradouro, resistente ou, em última instância, demarca o poder matemático do algoritmo programado.

Nessa esteira, faz-se importante compreender a lógica articulada pela enunciação maquinica, depreendendo os mecanismos internos do enunciador-máquina para construção sintagmática, isto é, a atualização de grandezas linguísticas em um eixo combinatório, em um movimento de contiguidade, de copresença em uma conjunção lógica, da construção de um enunciado. Para tanto, aponta-se como partida a compreensão da lógica do algoritmo para a constituição do eixo do paradigma, o eixo que apresenta as grandezas em sua virtualidade, como possibilidade finita de um conjunto linguístico. Nesse sentido, considera-se que o paradigma constitui sua grandezas a partir de dois movimentos algorítmicos: mineração de dados a partir de *big data* e aplicação de uma rede geradora de adversidades (GAN), uma forma de rede neural de *machine learning*.

## **2. Construção paradigmática: *big data* e rede geradora de adversidades**

Tratar-se-á primeiro de “data mining”. No campo profissional da comunicação, observa-se a utilização dessa tecnologias tanto em um sentido de produção autônoma de enunciados (como notícias, edição de vídeo automática, dentre outros) e na assistência à

---

produção (facilitadores e aceleradores de processos produtivos, como gestão de audiências ou escolha de imagens). Evidentemente, o conhecimento científico próprio da área da informática desnuda o papel absoluto atribuído a estas tecnologias. Nesta via, faz-se, portanto, necessário posicionar semanticamente o que se refere a mineração de dados.

Entende-se que a mineração de dados é uma ação de exploração, isto é, coloca-se no sentido de uma busca. Procura-se em um *corpus* finito reiterações e padrões que se estabelecem a partir das relações entre seus integrantes. Por tanto, desprende-se que a mineração se faz necessária a partir do momento em que existam relações entre os dados quantificados e que estas relações ocorram de forma abstrata, ou seja, quando o conteúdo a ser explorado é numeroso e as relações não se mostram de forma nítida. Este é o caso de mineração de dados de imagens, por exemplo, em que o significante plástico é articulado por categorias formadas por unidades mínimas, os formantes expressivos. Assim, a mineração de dados busca especificar essas unidades mínimas para compreender as relações formadas por elas para constituição de seu enunciado. A potencialidade de um algoritmo minerador é relativa tanto à programação prévia desenvolvida por um desenvolvedor (isto é, alguém que desenvolve uma metodologia que atua na abstração) e tanto pela capacidade de hardware em que este software atuará. Compreende-se que a mineração parte de uma indagação que conseqüentemente será programada, colocando a resposta ao questionamento como relacional, como um enunciado de dependência.

A lógica de articulação dos algoritmos de mineração de dados pode ter finalidades diversas. Como a exploração de padrões frequentes entre os dados, classificação de grandezas ou o agrupamento de unidades, selecionando padrões similares em um universo finito. É perceptível constatar, portanto, que o algoritmo em si não carrega informações inéditas: os descobrimentos ocorrem a partir do *corpus*. Exploram-se os dados a fim de compreender melhor um universo. Nesse sentido, a seguir ressalta-se uma constatação que diz respeito à natureza dos dados. Para que seja possível aplicar uma lógica de inteligência analítica sob os dados, faz-se necessário que o computador (que é regido por uma lógica puramente matemática) compreenda os dados de forma numérica. Um computador não tem capacidade de entender um signo. O computador entende números e calcula operações a partir desses dados. Por tanto, todos os dados, textos enunciados, devem ser traduzidos numericamente para que assim sejam analisados e permitam a extração de padrões de forma automática.

---

Apresenta-se uma problemática que diz respeito ao nível linguístico dos dados. Tratando da linguagem verbal escrita tem-se, em seu plano expressivo, a fluência de apenas uma linguagem manifestada; em compensação, dados de diferentes naturezas podem ser considerados sincréticos, por tanto, “acionam várias linguagens de manifestação” (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 467). Assim, por exemplo, um dado audiovisual é expressado a partir de uma confluência de diferentes sistemas linguísticos, em uma lógica de superposição, em que atuam na escritura destes dados linguagens como a verbal oral, verbal escrita, musical, gestualidades, etc. Estas superposições linguísticas acarretarão em um todo de sentido, dessa forma torna-se equivocado analisar e compreender esses dados a partir de procedimentos que visam desmembrar e analisar cada linguagem de forma autônoma.

A mineração de *big data* se torna basilar na utilização de uma rede geradora de adversidades, principal técnica responsável pela enunciação dos retratos sintéticos em “ThisPersonDoesNotExist”. Nesta modalidade de técnica de *machine learning*, duas redes neurais, a rede geradora e a rede discriminadora, atuam em competição constante. A primeira, a geradora, é responsável por produzir conteúdo sintético, já a segunda realiza uma avaliação para atestar se o conteúdo produzido pela rede geradora é semelhante a um conteúdo proveniente do *big data* – composto por imagens de retratos de pessoas reais. Nesse processo, a rede discriminadora gera um feedback para treinamento do algoritmo gerador, construindo seus novos conteúdos a partir dessa resposta. Assim, ocorre de forma cíclica: uma retroalimentação entre uma rede que enuncia e outra que classifica a semelhança de um enunciado sintético com o enunciado produzido por um humano, objetivando, no caso das imagens do site aqui analisado, se assemelhar o máximo possível com retratos de pessoas que existem, conforme ilustrado no modelo abaixo (figura 4).

Observa-se, como analisado anteriormente (Figuras 1 e 3), que a configuração visual dos retratos sintéticos de “ThisPersonDoesNotExist” se assemelha em grande medida com a de retratos não-sintéticos; o regime visual destas imagens se estabelece a partir da centralização da figura humana enquadrada em plano próximo. Vale aprofundar-se na composição figurativa nos enunciados dispostos na produção de imagens a partir de algoritmos matemáticos.

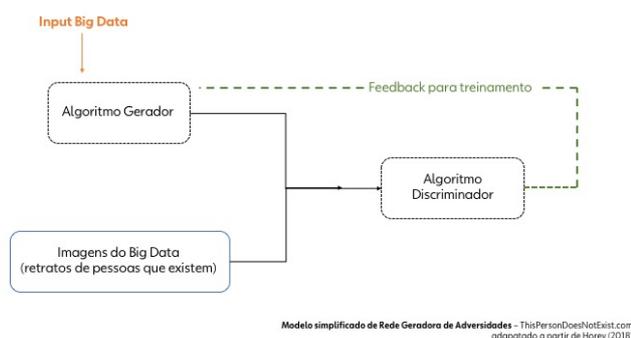


Figura 4 - Modelo simplificado de Rede Geradora de Adversidades, adaptado a partir de Horev (2018)

### 3. Morfogênese e metamorfose

Estas imagens se inscrevem em uma lógica de produção enunciativa matemática, numérica, em que cálculos modelizados instauram como figura do plano do conteúdo um retrato humano. Esta operação não diz respeito à uma lógica figurativa de produção de imagem ótica, isto é, a morfogênese das imagens sintéticas é simulada. A figurativização analógica - típica das pinturas a partir do Renascimento (com a perspectiva ótica artificial) e cronologicamente seguida pela produção imagética da fotografia, do cinema e da televisão - se articula a partir da morfogênese por projeção que "implica sempre a presença de um objeto real preexistente à imagem" (COUCHOT, 2011, p. 39). As imagens (pinturas, gravuras, fotografias, filmes, etc.) produzidas com base no modelo de representação em que o real é projetado em um suporte planar, bidimensional, parte da utilização pelo artista de um esforço manual e visual. Esta lógica de colocação em discurso concatena um objeto real, sua representação e o sujeito que enuncia (situado em um momento tempo-espacial). Assim, a representação analógica projetada é a realização de uma imagem sem a possibilidade de controle sobre a unidade mínima constituinte da imagem.

Já, a figurativização numérica, típica das imagens digitais, não atua em uma lógica de representação, mas sim de morfogênese por simulação, em que o cálculo, o modelo, permite a realização imagética. O pixel, como unidade mínima da imagem digital, é controlado em sua totalidade, fazendo com que a imagem resultante seja, a rigor, um mosaico luminoso formado por centenas de pixels programados matematicamente, como explicado por Couchot:

---

A realidade que a imagem numérica dá a ver é uma outra realidade: uma realidade sintetizada, artificial, sem substrato material além da nuvem eletrônica de bilhões de micro-impulsos que percorrem os circuitos eletrônicos do computador, uma realidade cuja única realidade é virtual. Nesse sentido, pode-se dizer que a imagem-matriz digital não apresenta mais nenhuma aderência ao real: libera-se dele. Faz entrar a lógica da figuração na era da Simulação. (COUCHOT, 2011, p. 42)

Assim, há uma relação pressuposta entre o numérico e a imagem, em que toda a informação da imagem digital foi programada, permitindo uma tradução abstrata entre o cálculo numérico e a figura digital, afastando-se, portanto, do real. Isto não quer dizer que a figuração a partir de uma lógica matemática descarte a visualidade do mundo real, a partir de uma semiótica do mundo natural. Não existe, entretanto, uma correlação entre o mundo sensível e o pixel. O que ocorre é um processo de modelização, isto é, a criação e utilização de modelos matemáticos, físicos, biológicos, dentre outros, para simular o real. A produção da imagem passa a estar relacionada ao inteligível, ao processo de decomposição do sensível em modelos autônomos que realizam um simulacro planar e que serão base para as produções imagéticas numéricas. Isto faz com que a relação pressuposta entre objeto real, representação e sujeito se esvaneça. A articulação se dá entre softwares, modelos e imagens – em uma lógica espaço-temporal editável, manipulável, com pouca aderência com o real linear.

Estes modelos se estruturam a partir de uma lógica da figuralidade. Diferentemente da figuratividade, o estatuto do figural é da ordem do essencial, das relações estruturantes de um texto plástico. Há, portanto, um processo que subjaz a produção dos enunciados das imagens sintéticas: a transformação de modelos figurais em imagens figurativas, dotadas de um preenchimento discursivo. Pode-se compreender esse processo que objetiva a figuratividade como uma metamorfose. Ignácio Assis Silva, assim caracteriza o conceito:

Importa reter daí a ideia de renascimento incessante, bem como a ideia de produção produzida pela destruição: a metamorfose, de um modo geral, implica destruição, ou melhor, desconstrução de uma forma anterior, que não desaparece totalmente. Dela ficam traços na forma nova, que são os elementos em que minha hipótese de trabalho se firma a fim de pensar um pouco os fundamentos da linguagem. Exagerando um pouco, diria que na transformação de uma experiência em signo ocorre uma metamorfose fundadora. Metamorfose porque não fica tudo da experiência no signo, uma forma nova que é uma redução; fundadora porque está nas raízes da semiose. (SILVA, 1995, p. 31-32).

---

Percebe-se, portanto, um processo de metamorfose na medida em que os retratos sintéticos de "ThisPersonDoesNotExist" são enunciados a partir de um corpus analisado de *big data*, isto é, o algoritmo gerador é apenas capaz de gerar retratos sintéticos a partir da disponibilização de retratos de pessoas que existem e estas serem mineradas, quantificadas, modelizadas. Esses modelos, relativos à essencialidade dos traços que compõem a figurativização sensível da feição humana, são compostos por elementos do substrato figurativo, isto é, são compostos pelas unidades figurais da figura do rosto humano.

A metamorfose além de se relacionar com o processo de transformar traços figurais em textos figurativos, concerne também o oposto: o processo de figuralizar uma imagem figurativa, conforme apresenta Silva: “acham-se sujeitas a duas grandes tensões: de um lado, há uma tendência ao 0, ao despojamento, ao esvaziamento da forma, em direção ao *nada*; de outro, está a tendência ao 1, ao sobreinvestimento, à plenificação, à orientação para o *tudo*.” (1995, p. 33). Assim, acredita-se que a criação de imagens sintéticas, neste caso retratos sintéticos, se dá a partir de processos de morfogênese por simulação em uma lógica de metamorfose, tanto no sentido da escritura figurativa (do 0 ao 1), quanto no sentido da constituição de modelos figurais (do 1 ao 0).

Retoma-se o trecho de Silva em que aponta “que na transformação de uma experiência em signo ocorre uma metamorfose fundadora” (1995, p. 32), percebe-se então um processo de representação do mundo real material em uma construção linguística, enunciada. O mundo natural, visto como experiência sensível, ao se transformar em signo – em um construto - se metamorfoseia, se decompõe em uma nova forma. Há uma “destruição” já que a apreensão da realidade do mundo natural é infinitamente maior e mais complexa do que sua representação planar, estática. O mundo enquanto vivido é sentido sinesteticamente em um *continuum* temporal, englobando o sujeito que ali se encontra. A representação, ao contrário, não dispõe da completude que a realidade oferece; a realidade continua englobando a representação. Nesse sentido, o representado, o construído a partir da linguagem, o enunciado, é uma diminuição das categorias sensíveis e nesse ponto age a semiose: em encontrar por meio da linguagem formas expressivas de representar o significado englobante do real em um suporte construído englobado, menor. Assim, o mundo natural ao se (re)construir em linguagem se metamorfoseia: submete-se a um processo de destruição, de decomposição, de redução,

---

objetivando – pela enunciação - a constituição de um novo texto sensível, escondendo as marcas deixadas pelo processo de transformação.

Nessa esteira de pensamento, relativo à enunciação, Silva aponta:

Fazer-ser é uma expressão típica da semiótica greimasiana: a enunciação faz-ser o sentido, que não preexiste a ela. A enunciação o faz-ser no sentido de que o convoca a um estado de existência atual. Os linguistas também acreditam nisso: o que preexiste ao enunciado é uma língua que é vista, não como um lugar acabado, realizado, mas como um lugar de virtualidades de sentido. É o que nos ensina explicitamente a linguística de um Guillaume, de um Coseriu, de um Pottier: a língua é um sistema de virtualidades e não de coisas prontas, acabadas. A semiótica, procurando aproveitar de modo sistemático esse jogo entre o âmbito das virtualidades e o das realizações, vê na enunciação o ato de linguagem que transforma algo do estado virtual em algo realizado, atualizado. (1995, p. 62)

A enunciação, portanto, é um processo de um sujeito (enunciador) que realiza uma operação de fazer-ser, isto é, parte do campo das virtualidades das linguagens e atualiza em um enunciado realizado. Percebe-se que Silva se utiliza de um embasamento figurativo para se fazer entender: assume o conjunto de virtualidades como um espaço, “lugar de virtualidades”, onde as possibilidades finitas deste sistema estão dispostas em um plano à disposição do sujeito que as escolheria. Assume portanto uma figurativização que, em última instância, cria um efeito de sentido de proximidade entre o sujeito enunciador e as virtualidades linguísticas. Além disto, isso reforça a noção saussuriana do eixo paradigmático, como espaço de escolha de grandezas, em uma disjunção lógica de um conjunto (SAUSSURE, 1971, p. 158). Coloca-se, portanto, a noção de que as linguagens por serem virtuais se transformam, não são “acabadas”, “prontas” e estão à disposição daquele que as colocará em discurso. Considerando as imagens sintéticas que se dispõem como corpus desta pesquisa e que se atualizam e se aperfeiçoam com os feedbacks do algoritmo descritivo, percebe-se que a colocação em discurso ocorre a partir de uma lógica da metamorfose em um regime de interação, de constante (re)programação de um fazer-ser retrato, que busca a todo momento um efeito de sentido de realidade.

Eric Landowski propõe uma sintaxe geral da interação a partir de um modelo teórico que apresenta os regimes de interação e sentido (2014). A elaboração deste simulacro surge como resultante da proposta da sociosemiótica que coloca a interação como problemática da significação. Partindo da semiótica greimasiana standard, com os regimes de “operação ou programação” e “manipulação”, Landowski propõe adicionar os preceitos da sensibilidade e da aleatoriedade como constituintes de dois novos regimes,

respectivamente, o ajustamento e acidente. Destaca-se que o regime da programação diz respeito às regularidades, à um fazer-advir; o regime de interação de acidente se caracteriza pelo aleatório, por um fazer-sobrevir; o regime de manipulação pauta-se pela intencionalidade em um fazer-querer; e o regime de interação de ajustamento se organiza a partir da sensibilidade, de um fazer-sentir.

Dessa forma, pode-se entender que a rede gerativa de adversidades que estrutura a enunciação dos retratos do site “ThisPersonDoesNotExist” atua sob a lógica do regime de interação proposto por Landowski. As imagens são geradas a partir de uma programação, de forma regular, seguindo os critérios organizados no algoritmo gerador. Essas imagens são enunciadas objetivando criar um efeito de sentido de realidade, em um movimento de manipulação do enunciatário, fazendo-o acreditar que o retrato sintético é um retrato que projeta a imagem de uma pessoa que existe e não que o simula. A imagem passa, então, para o algoritmo discriminador em que feedbacks são gerados a partir das discordâncias entre as imagens sintéticas e os modelos provenientes do *big data*. As discordâncias são os acidentes, as aleatoriedades que fogem da programação, que podem fazer com que a manipulação não ocorra. Esses feedbacks retroalimentam o algoritmo gerador, ajustando-o, tornando-o mais efetivo em sua proposta de gerar retratos sintéticos de pessoas que não existem.

De forma cíclica, isto é, em um efeito de sentido de continuidade e duratividade, o resultado da ação interativa entre os algoritmos de geração e de descrição continua, no nível do conteúdo, o mesmo: a figura da pessoa, o rosto humano, em evidência, como foco único daquilo que se enuncia. Cabe agora, observar as formas do plano da expressão, na expressividade do texto, para melhor compreender o movimento de semiose que ocorre nesta produção imagética.

#### **4. Dimensão mítica e performance**

Assim, o algoritmo de inteligência artificial desenvolve um discurso em que o humano é icônico, se faz crer enquanto espelho de uma realidade que não existe, enquanto herança figurativa de uma máquina fotográfica – que instaura um sujeito humano enquanto observador das ações do mundo, em um movimento renascentista perspectivista, de um mundo que se constrói para um sujeito observador, extra quadro, que determina a origem de um ponto imaginário de fuga que estrutura toda a noção representativa da imagem. Há, portanto, na produção sintética deste corpus a reiteração

do fazer imagético humano. A imagem se coloca como reiteração do padrão estético que vigora desde o *Quattrocento*. Como sabido, mais do que simplesmente seguir um modelo de enquadrar, de colocar em cena, a *perspectiva artificial* é um modo de significar que é englobado pelo antropocentrismo do olhar. Nesse padrão, a figura do observador e do referente são basilares: o homem que se coloca enquanto centro de um universo de significação, a humanidade centralizada no discurso e na importância imagética. Certamente, esta colocação diz respeito à uma *uis mythica* presente no substrato mais profundo (e que reveste as camadas mais superficiais) do discurso. Ignácio Assis Silva, tratando do caráter metamórfico, recorda: “a metamorfose vai surgir como um tipo específico de enunciação, como operação que faz-ser o sentido mítico” (1995, p. 62). Uma leitura mítica de um texto diz respeito à uma conformidade de categorias do plano do conteúdo com categorias do plano da expressão, que na semiótica recebe o nome de operação semi-simbólica. Ao mesmo tempo que articula universais semânticos como vida, morte, natureza, cultura, entre outros, atua também como “característica do pensamento *figurativo* própria da humanidade” (SILVA, 1995, p. 56).

Talvez, o que mais impressiona na produção de retratos sintéticos e corrobora com os efeitos de sentido de realidade, é a sua característica de se assemelhar com a produção imagética em voga na contemporaneidade. Estas imagens (estáticas ou audiovisuais) circulam por meio de plataformas e redes sociais em que – novamente – há uma centralidade do discurso em um “Eu” que se enuncia, que se centraliza, que produz com suas fotografias e seus vídeos um discurso específico, que diz respeito à uma determinada forma de vida que valoriza o individual, a experiência, a ostentação, produzindo sentido, buscando a ordem no caos.

Mariana Baltar e Adil Leppri, ao tratar do regime de atrações em vídeos da plataforma YouTube apontam que a experiência contemporânea é marcada pela “hiperindividualização e de modos domésticos e privatizados de consumo” (2019, p. 174). Observa-se, voltando-se ao retratos sintéticos, que estes sempre simulam apenas um indivíduo em cena, não há um retrato que disponha duas ou mais pessoas enquadradas. O enunciado individualiza, apresenta apenas um “Eu” englobado pelo caos, pelo entorno, privilegiando uma leitura antropocêntrica, de controle, de ordem. Baltar e Leppri apontam, citando Hansen (1997), que esta característica de produção midiática evoca “paralelismos com o primeiro cinema”, o cinema de atrações, isto é:

---

um sistema complexo com raízes em outros entretenimentos sensoriais populares e fundado em torno do *maravilhamento* das máquinas do visível e sua possibilidade de dar a ver o espetáculo do corpo em movimento para uma audiência sempre ávida por entretenimentos sensacionalistas (2019, p. 174)

Como apontado no início do texto, há por parte do destinador do site “This PersonDoesNotExist” o conhecimento que o destinatário pode se “espantar” com a produção sintética de seu algoritmo, já que escreve na legenda das fotos “Não entre em pânico”. Há, sem dúvidas, no discurso atual sobre as tecnologias de inteligência artificial esse maravilhamento que os autores apontam: um *maravilhamento* que diz respeito simultaneamente à novidade tecnológica e ao perceber a simulação do corpo humano. Se no cinema de atrações havia a admiração pela produção imagética do homem em movimento, as fotografias de retratos sintéticos do site maravilham o destinatário com sua produção imagética da figura humana de forma simulada. Ainda considerando a relação das produções dos retratos sintéticos com o regime de atrações, vale apontar:

É central para a ideia de atrações a dimensão da performance e a sua capacidade de provocar agitação (excitação) no espectador. Do ponto de vista estético, é possível pensar o regime de atrações como fragmentário, estimulante e excitante, pois potencializa a relação atávica do espetáculo do corpo (na tela e também o corpo do espectador) como algo capaz de convocar certo engajamento afetivo, colocado na ordem do sensorial e do sentimental. (BALTAR e LEPPRI, 2019, p. 175)

Neste trecho, observa-se uma reiteração daquilo que se discutiu acima: tem-se atuando sobre o retrato sintético um regime que provoca excitação, é fragmentário porque enaltece apenas a face humana, é estimulante porque se funda na certeza que o efeito de fazer-parecer real do algoritmo é sancionado de forma positiva pelo enunciatário, levando-o a um *maravilhamento* não apenas com o corpo sintético, mas também com o próprio corpo graças à estética perspectivista, a um encantamento do reflexo de si. Assim, corpos inexistentes performam em tela, se expõem e criam – e esta relação não é da ordem do virtual e sim do contrato enunciativo – uma relação que se apresenta em formas de vidas, em formas de existir. Mesmo que os corpos imaginados pelo algoritmo não existam na realidade, sua performance ocorre no mundo material, real, da macrossemiótica do mundo natural.

A performance dessas pessoas que não existem, que figuram no discurso e manipulam o enunciatário, é da ordem, graças aos efeitos de sentido de realidade e

continuidade, da articulação de uma forma – a figura humana – e uma força de se fazer real, de existir, de viver e que criam um efeito em que, despretensiosamente, se deixam fotografar. A figurativização não é aqui somente referente a um processo de enunciação, mas sim, de discursivizar sobre a existência virtual, em um modo de presença no mundo que se faz-ser entre o vivido e o imaginado, entre o atualizado e o virtual, entre a ordem e o caos.

Assim, os retratos sintéticos de pessoas que não existem reverberam uma metamorfose constante entre feições humanas que se transformam em outras, que deixam marcas anteriores, que carregam o modelo figural, que ressoam o significado do constante vislumbre do corpo humano: um espelho que a todo momento e exclusivamente mostra um “Eu” que se deixa transformar e ao manipular o enunciatário, seduz, impressiona pela semelhança com aquilo que é simultaneamente trivial e singular, sagrado e profano.

## REFERÊNCIAS

COUCHOT, E. Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração. In: **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Org. André Parente. Rio de Janeiro, Editora 34, 2011. p. 37-48.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l’œil et de lésprit**. Paris: Hadès-Bejnamins, 1985

FREIRE, Mariana Baltar; LEPRI, Adil Giovanni. Gestões sensacionalistas. **Matrizes**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.169-189, 30 abr. 2019. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p169-189>.

GREIMAS, A. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (Org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p. 75-96.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J.. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. 543 p.

HOREV, Rani. **Style-based GANs: Generating and Tuning Realistic Artificial Faces**. 2018. Disponível em: <<https://www.lyrn.ai/2018/12/26/a-style-based-generator-architecture-for-generative-adversarial-networks/>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Tradução Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

SILVA, I. A. **Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso**. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1995.